

PINTANDO BOCAS MONSTRAS POR MEIO DA PE-DRAG-OGIA

PAINTING MONSTERMOUTHS THROUGH A PE-DRAG-OGY

Lua Lamberti de Abreu

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
luax.l.de.a@gmail.com

Elaine Rose Maio

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
elianerosemaio@yahoo.com.br

Roberta Stubs Parpinelli

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
robertastubs@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5104>

RESUMO

O presente artigo visa propor uma transformação na pedagogia formal, que exclui, violenta e silencia bocas não contempladas pelos padrões hegemônicos de normalidade, propondo então uma *pe-drag-ogia*, inventiva, pirateadora, amorfa e transformista. Para tal, busca-se entender algumas das instâncias que violentam as sujeitas desviantes das normas hegemônicas de ser e estar no mundo, cruzando com propostas pedagógicas, teóricas, práticas e artísticas de emancipação, resistência e afronte. A metáfora de pintar a boca diz de ouvir os lugares de fala há tempos negligenciados nas plataformas formais, como bocas trans, bocas negras, bocas mulheres, bocas abjetas. Conclui-se, então, que a *pe-drag-ogia* não é uma invenção, mas uma tradução pedagógica de movimentos artísticos dissidentes já existentes.

Palavras-chave: Pedagogia; *Drag Queen*; Travesti;

ABSTRACT

The present article aims to propose a transformation in formal pedagogy, which excludes, violent and silences mouths not contemplated by hegemonic norms of normality, proposing a *pe-drag-ogy*, inventive, pirate, amorphous and transformist. To this end, it seeks to understand some of the instances that violate the deviant subjects of the hegemonic norms of being and living in the world, crossing pedagogical, theoretical, practical and artistic proposals of emancipation, resistance and confrontation. The metaphor of painting the mouth says of listening to the places of speech long neglected on formal platforms, such as trans mouths, black mouths, women mouths, abject mouths. It is concluded, then, that *pe-drag-ogy* is not an invention, but a pedagogical translation of existing dissident artistic movements.

Keywords: Pedagogy; *Drag Queen*; *Transvestite*

Os processos de montagem de uma *Drag Queen* são plurais e adaptáveis, de acordo com as propostas e as estéticas. Para esta pesquisa, a noção de *Drag* é aplicada a qualquer sujeita que use de sua arte para deslocar-se entre construções de gênero, indo além, inclusive, dos binômios masculino x feminino que socialmente são impostos aos corpos e subjetividades. Apesar de não ser o foco, cabe também contemplar manifestações transformistas que não se reclamam no lugar de *Queen*, ou seja, *Drag Queens*, *Kings* e *Queers*. Para tal, usa-se a noção da metáfora da maquiagem, de pintar em si mesma o rosto de sua personagem/autoficção/performance. A maquiagem é a tradução da potência imaginativa para a concretude objetiva visual.

A ideia de uma *pe-drag-ogia* é evocar as inventividades, os trânsitos e as potencialidades de desestruturar expectativas sociais. Como Preciado¹ diz, é frustrar o que a sociedade quis fazer de tais sujeitas. Por isso mesmo, não cabe aqui toda e qualquer montagem, mas as que carregam em si os questionamentos, os afrontes, os não conformismos. A discussão perpassa teorias educacionais para pensar como os processos escolares e/ou educativos tentam moldar e violentar corpos e subjetividades dissidentes, flertando com as teorias interseccionais e uma educação que priorize a autonomia, o exercício de falar de si, embasando-nos em diferentes autoras que propõe formas pedagógicas contra hegemônicas, cruzando tais noções com manifestações artísticas de *Drags*, visando bombardear as certezas fixas dos saberes engessados no padrão normatizado.

Ao invés de pensar na máscara toda, a maquiagem completa, recorta-se a boca. A boca que não é desligada do corpo todo, mas sim uma boca-corpo-monstro, que carrega em si a voz não ouvida das margens, que possa gritar contra as barreiras formais, curriculares, hegemônicas e pedagógicas, afirmar-se e defender um lugar de potência na vulnerabilidade social de corpos evadidos, excluídos e violentados. Tal boca é nosso interesse no fazer da pesquisa.

Os lábios, a boca, o batom. O que grita, e fala, e canta, e chama, e come, e devora, e regurgita, e sorri, e gargalha, e morde, e assopra, e chupa, e baba, e tosse, e sangra, e rasga, e tritura, e deglute, e corrói, e umedece, e resseca, e sente, e causa, e ensina.

A proposta aqui é descobrir outras formas de usar a boca². Com essa boca-corpo é que ensinaremos e seremos ensinadas, passaremos o legado de *Drag Queens* para frente, para os lados, para dentro e para fora. Uma boca mostra que possa inventar-se com sorrisos e que crispe livremente. Busca-se uma noção de *Drag* politizada, por vieses educacionais e críticos, objetivando a autonomia das artistas, das educadoras e das pesquisadoras em gênero, sexualidade e direitos

¹ PRECIADO, Paul B. *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Buenos Aires: Paidós, 2017.

² Referência ao livro de Rupi Kaur, poetisa feminista contemporânea, que fala de maneira poética e direta sobre temas como amor, sexo, violência e sentimentos, com uma afetividade crítica e delicada.

humanos, usando como metáfora da discussão a linguagem artística *Drag Queen* e seus trânsitos, seus deslocamentos e suas potências.

Entender a *Drag Queen* como politizada significa expandir a noção de montagem para além das feminilidades. Os trânsitos e a fluência do deslocamento do transformismo são aquém dos binários de gênero socialmente impostos, sendo necessário reconhecer que nem toda montagem está em tal lugar crítico. Não é o intuito dizer que uma manifestação artística é mais ou menos crítica, política ou potente, e sim focar nas que destoam das expectativas sociais no que tangem a construção do corpo feminino. Interessa-nos, aqui, as inventividades, os desajustes, as artistas que não cabem e muitas vezes são menos visíveis justamente por isso.

Pessoas LGBTI não são bem quistas em ambientes escolares³. Corpos abjetos e desviantes das normas não são bem recebidos, e por vezes convidados a se retirar de espaços, ambientes e territórios com violência, seja ela física, explícita, simbólica ou sutil⁴.

O marcador de gênero, sexualidade, mas também qualquer outro marcador que deturpe a ficção perfeita de hegemonia: branco, masculino, homem, cisgênero, heterossexual, padrão, são, jovem, classe média-alta, cristão, eurocêntrico etc, tende a servir de escada. A negação que valida uma norma inatingível.

A relação de validação da norma pela afirmação das identidades desviantes é explanada por Amara Moira Rodovalho, quando a autora travesti explana as etimologias dos termos “cis” e “trans” como

aquilo que cruza, que transpassa, que atravessa e aquilo que permanece sempre dum mesmo lado, que margeia, que não cruza, que deixa de cruzar, tudo em função duma dada linha. É possível imaginarmos a utilização de um desses termos sem, de pronto, nos referirmos ao outro? É partindo dessa pergunta retórica que ousou afirmar que o discurso médico, ao nomear como “trans” a nossa maneira peculiar de existir, de reivindicar existência, automaticamente nomeou a outra maneira, a sua maneira, a não-trans, como “cis”, cabendo-nos apenas pensar formas de fazer com que as duas imagens propostas nessa metáfora, aquilo-que-cruza e aquilo-que-deixa-de-cruzar, se traduzam em sentidos mais palpáveis.⁵

Para Luma Andrade⁶, a escola serve para validar a norma heterossexual. Cruzando com as

³ ERCOLES, Clara Hanke. Existir, Afirmar e Reafirmar a identidade Trans no meio acadêmico: um desafio triplo! In MAIO, Eliane Rose (Org.). *Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas*. Curitiba, Appris Editora, 2018: p. 183-199

⁴ MAIO, Eliane Rose; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da. O “entre-lugar” das trans nas escolas. *PeríodiCUs*, n. 8, v. 1 nov. 2017-abr., 2018: p. 307-324.

⁵ RODOVALHO, Amara Moira. *O cis pelo trans*. Estudos Feministas, Florianópolis – SC, 25(1): 422, janeiro-abril, 2017, p. 365-373, p. 365.

⁶ ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

análises de Megg Rayara Oliveira⁷, é factível que os desdobramentos para além da ficção de padrão de branquidade masculina hétero-cis-sexista tendem a ser vexados e invisibilizados, violentados e podados, coagindo e moldando alunas que por qualquer motivo destoem dos estereótipos hegemonicamente esperados.

Berenice Bento⁸ também aponta os problemas de pensar a relação masculino x feminino de uma forma binária, biológica e essencialista. É justificar a inferioridade feminina por argumentos de uma ciência escrita por homens. A função da *Drag* politizada é não pensar em homem como um sujeito universal, que inclui o conceito de homem heterossexual, cisgênero, branco, ou seja, com os recortes de privilégio atrelados a ele.

O termo “homossexualidade” data de antes do uso cunhado de “heterossexualidade” porque se precisa do desvio para validar a norma. Como poderia existir o conceito de heteronormatividade, heterossexualidade e/ou hétero-cis-sexismo se não houvesse a contradição de tais paradigmas tão sólidos e estáveis?⁹

Com a invenção do marcador da sexualidade desviante, garante-se o lugar estável e normativo da sexualidade padrão. Não muito diferente de como Megg Rayara¹⁰ aponta com a questão da negritude, atrelada ao diabo e a branquidade atrelada à pureza: temos a validação do lugar hegemônico da branca pela diminuição da negra. Sobre isso, Djamila Ribeiro¹¹ explana que

[...] precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras serão fortalecidas. Seguindo nesse pensamento, um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento.

Novamente, a relevância de não negligenciar os lugares de fala, os territórios que essas identidades transitam. Por que a identidade hegemônica é válida e as outras, desviantes, esquisitas e monstruosas devem ser abolidas? À *Drag Queen* que quiser evitar tais cristalizações,

⁷ OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O Diabo em forma de Gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

⁸ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

⁹ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

¹⁰ OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O Diabo em forma de Gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

¹¹ RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017, p. 28-29.

recomendamos uma boca trituradora.

Para organizar este compilado de conceitos, deixemos Butler¹² ecoar pelos escritos de Bento¹³, quando apresenta a matriz heterossexual. Tal termo refere-se aos contratos implícitos relativos à norma e normalidades. É o que sustenta e garante os lugares hegemônicos de opressoras e oprimidas. No caso de sujeitas travestis, será que os processos de segregação que uma travesti classe alta passa são os mesmos que uma travesti com marcador de periferia, pobreza ou uma classe inferior?

Mesmo tensionamento pode ser aplicado em outros cruzamentos de marcadores, como uma travesti negra e uma branca, um transhomem gay ou um transhomem hétero. Enfim, diversas formas de bricolar e cruzar esses marcadores.

Por esse ponto de vista, a *Drag* politizada não pode, não deve, não tem o luxo de não ser interseccional, mas sim de ser provisoriamente pós-identitária e um eterno devir. Pensar em pós-identidade implica a noção de processualidade, de subjetivações, de trânsistos, em oposição à ideia fixa e essencialista de indivíduo.

Uma processualidade marcada pela multiplicidade que atravessa os corpos, intermitentemente perpassada por signos, discursos, símbolos, valores, normas, intensidades e devires que se entremeiam aos desejos e afetos. Não se trata mais de utilizar a noção de indivíduo como referencial único para entender a subjetividade, não mais entendida como exclusivamente intra-psíquica¹⁴.

Questionar esses marcadores, bagunçá-los, realocá-los, bricolar diversas formas de ser e não ser, essa é uma das funções da nossa figuração aqui buscada, no exercício de se autoficcional, de descobrir em si mesma novas formas de ser e estar no mundo. Para tal, pauto-me nas noções de interseccionalidade,

as autoras abordam a complexidade e a contradição na experiência simultânea de múltiplas e intersectadas formas de opressão e de privilégio com base na raça, etnia, gênero, classe social e orientação sexual. Além de tratar desta complexidade e de múltiplas identidades em relação à categoria “mulheres de cor”, o livro utiliza diversos recursos narrativos, tais como a autobiografia, poesia, ensaio e mitologia, reivindicando o estatuto de “teoria” para essas expressões de conhecimento que

¹² BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹³ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

¹⁴ STUBS, Roberta, TEIXEIRA, Fernando Silva, PERES, William Siqueira. A Potência do Cyborg no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: Conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26. Nº 3, p. 785-802, Set./Dez. 2014, p. 787.

em regra não são reconhecidas como teoria pelo saber acadêmico dominante. [...] Além de Creshaw, a socióloga norte-americana Patricia Hill Collins (1990) é reconhecida como uma das pioneiras a desenvolver a abordagem da interseccionalidade. Collins propõe uma epistemologia a partir da experiência específica e da perspectiva (*standpoint*) das mulheres negras nos Estados Unidos. Para Collins, a interseccionalidade e a perspectiva das mulheres negras estão condicionadas tanto por fatores estruturais como por sistemas ideológicos. As categorias sociais, por sua vez, são concebidas como categorias construídas socialmente. Nesse sentido, a abordagem da interseccionalidade propõe-se compreender tanto as situações concretas de desigualdades estruturais, como as representações políticas e culturais destas desigualdades.¹⁵

Não podemos, também, deixar escapar pela tangente a urgência de identidades estratégicas. Afirmar-se travesti em um território majoritariamente cissexista como o meio acadêmico, por exemplo, ou ser uma mulher cientista, uma bixa preta professora, uma dançarina obesa ou uma prefeita transexual. São ações de âmbitos micro, talvez, mas que carregam em si o gérmen potente de desordenar a norma, de gerar caos nas estruturas. Tais identidades estratégicas não são generalizações, mas coros de vozes de multidões distintas, que respondem à voz do controle e da opressão¹⁶.

A generalização é problemática, por partir do pressuposto que quem generaliza não fala de si, mas de todas¹⁷. Ter um sujeito homem, hétero, cisgênero, branco etc, como um padrão, faz com que as outras bocas sejam menos ouvidas, menos validadas, enquanto a boca hegemônica fala por si, e por nós.

Apesar de a política *Queer* pautar-se em identidades instáveis, Bento¹⁸ alerta-nos de como é politicamente estratégico que a ficção de grupo exista também nas lutas organizadas das chamadas minorias. Portanto, certas identidades são necessárias como estratégias de resistência e afrontamento.

Pelo fato de sermos evadidas, muitas vezes expulsas, de ambientes e territórios formais, é função da *Drag* crítica forjar novos territórios flutuantes, fluidos, que visem desviar dessa lógica encaixotadora de subjetividades. De forma a passar e repassar nossas histórias, nossa cultura, nossa arte e nossas vivências sem a absorção mercantil, hegemônica, generalista e excludente.

¹⁵ SANTOS, Cecília MacDowell dos. Para uma abordagem interseccional da lei Maria da Penha, p. 39-61, in MACHADO, Isadora Vier. Org. *Uma Década de Lei Maria da Pena: percursos, práticas e desafios*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2017, p. 39-61, p. 42.

¹⁶ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

¹⁷ RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

¹⁸ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

De acordo com Andrade¹⁹, funcionárias de escolas não recebem preparo para lidar com alunas travestis, o que dificulta muito o entendimento e acolhimento destas alunas. E o mesmo complicador se desdobra a outros marcadores, como da sexualidade, raça, classe econômica e religiosidade. O não entendimento das questões de gênero torna-se um ciclo vicioso, higienizando o chão de escola e buscando cada vez mais o esvaziamento das questões.

Desde 2015, presencia-se uma forte corrente conservadora lutando pelo fim, apagamento ou exclusão das questões de gênero das escolas, com o argumento de doutrinação das crianças. Uma problemática aqui destacada, para além de toda a LGBTifobia que permeia a proposta, é uma falsa simetria ideológica entre o que pode ou não ser dito, o que é ou não uma doutrinação. Ensinar na escola o que é uma família, usando como base o padrão hétero-cis-sexista de homem trabalhador e mulher bela, recatada e do lar, não é considerado de forma alguma ideológico, ou sequer dentro dos estudos de gênero. Por quê?

Quanto à “Ideologia de Gênero”, termo altamente veiculado por grupos religiosos cristãos e conservadores, a falácia difunde afirmações errôneas e vagas, esvaziadas de sentido e embasamento, e fomentou um estado de pânico moral que contribuiu com o apagamento dos termos de gênero.

Analisando-se os jornais, verificou-se a “ideologia de gênero” como influenciadora direta nas supressões sofridas pelos planos educacionais em questão. Assim, afirma-se, baseado na análise das argumentações e seus conteúdos advindos de grupos religiosos e atores políticos/religiosos, que tal expressão adverte sobre crenças resumidas em: “a ideologia de gênero quer acabar com a biologia”; “a ideologia de gênero quer excluir os conceitos de homem e mulher”; “a ideologia de gênero quer acabar com as famílias”; “a ideologia de gênero vai hipersexualizar as crianças e incentivar a homossexualidade”.²⁰

Cabe à *Drag Queen* que queira ser militante escancarar as construções de gênero como elas são: performáticas, fictícias e naturalizadas, portanto, não naturais. Mesmo o conceito de família tradicional brasileira não surge espontaneamente, e há sim construções sociais, culturais, econômicas, dentre outros marcadores, que moldam os conceitos de normalidade na sociedade em que vivemos.

Como a artista travesti negra Linn da Quebrada, o *Drag King* Del LaGrace Volcano define-se

¹⁹ ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

²⁰ BORGES, Rafaela Oliveira e BORGES, Zulmira Newlands. Pânico Moral e Ideologia de Gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018, p. 01-23, p. 12-13.

um terrorista de gênero²¹. É nesse sentido que buscamos uma performance *Drag*, que bombardeie as hegemonias sólidas que dicotomizam e hierarquizam as construções de gêneros e sexualidades. Por transitar, fluir e satirizar as normas sociais impostas às performances de gênero, a figuração *Drag*, seja *Queen*, *King* ou *Queer*, pode desestabilizar os pilares da norma.

Se a escola, a estrutura e o ensino formal não querem abordar temas de gênero, faz-se necessário ações terroristas, para plantar bombas, dentro e fora destes espaços. É por esse grito, que não pode mais ser calado, que uma montagem almeja ser potência política. É aceitar que não se contenta mais com essas verdades ficcionadas que já rodaram por tempos demais dizendo quem pode ou não ser a monstra e a normal.

A ideia de uma *Drag* política pressupõe uma *pe-drag-ogia*, formas inventivas de se ensinar e aprender, que tende a ir na contramão dos engessamentos curriculares e das violências escolares. Pautadas nos escritos de Paulo Freire²², pensamos a função de educar para além de uma profissão. É um compromisso social, ético, para ver-se de fora e comprometer-se com a mudança social.

A *pe-drag-ogia* é uma proposta inventiva, usando a metáfora da linguagem artística da *Drag Queen*, de montar a pedagogia formal, curricular, hetero-cis-normativa, para que esta possa tornar-se uma versão *Drag*. Isso significa movimentar-se no intuito dos corpos e das subjetividades que não são bem-vindas nas instâncias formais de educação. Sua forma é transformista, como a linguagem que inspira o nome, e tende a buscar formas novas, de reinventar e piratear moldes, com objetivo de horizontalizar o acesso, buscando a autonomia de sujeitas, formação crítica, política, engajada com as pautas das minorias sociais e políticas.

Como alguns exemplos de ações *pe-drag-ógicas*, temos ações de artistas *Drag*, como Uýra Sodoma, persona de Emerson Munduruku. Uýra pinta-se e monta-se com elementos florestais, desestabilizando a noção estética e cosmética da montagem clássica, desafiando até as noções de beleza, uma vez que desloca-se do espectro humano. Com sua performance híbrida de natureza-arte-humana, a artista leva discussões de ecologia e política às populações ao redor das matas, e usa de sua performance para alavancar as questões, atualmente muito negligenciadas pelas políticas públicas do desgoverno nacional²³.

Sua proposta leva, além da discussão ambiental, uma relação afetiva com as florestas, com

²¹ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

²² FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

²³ SODOMA, Uýra in PRESSE, France. *Conheça Uýra Sodoma, a drag queen amazônica comprometida com a floresta*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2018/07/26/conheca-uyra-sodoma-a-drag-queen-amazonica-comprometida-com-a-floresta.ghtml?fbclid=IwAR2fx1u-dRLV3sk4s4ycQjGTI3ndgzfSyftx686eqDfFgGaFt61VLSuN1wI>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

a fauna e a flora. Além disso, Uýra marca seu posicionamento político em suas ações, usando o transformismo como uma forma pedagógica, crítica, ecológica e desestabilizadora dos padrões curriculares, transdisciplinarizando uma discussão biológica dos cânones literários.

Uma educação que higieniza e exclui pessoas em função de uma norma ficcional que escolhe quais vidas importam, quais bocas podem ou não falar, não está em função de nenhuma emancipação. Portanto, ir à contramão significa que não devemos ser apenas inclusivas, mas incluídas. A pedagogia *Drag* deve buscar adaptar-se às necessidades que surgem e variam de gerações, de grupos, de pessoas para pessoas.

Outra artista *Drag* que embasa a discussão é Alma Negrot, que afirma-se *Drag Queer*, por não caber nas noções humanas, quiçá nos binômios masculino x feminino. A persona é arte viva, não podendo ser fixada como uma coisa só²⁴. Sua montagem também desvia dos cosméticos tradicionais, e aproxima-se das artes de rua, das pichações, das performances marginais, do anarquismo estético. Entender as noções *pe-drag-ógicas* a partir das performances das artistas transformistas é legitimar um lugar de fala que há gerações tem sido negado, deixar tais bocas gritarem por si mesmas.

Djamila Ribeiro²⁵ defende que falar por si, registrar, catalogar, gravar, faz com que a sujeita exista, afirme-se. É essa boca respondona que a *Drag Queen* politizada precisa ter, para não aceitar as mesmas verdades hierarquizadas de saberes excludentes. A boca que fala por si, sem a prepotência de calar bocas terceiras, que podem gritar coisas infinitamente distantes e curiosamente similares às aflições pessoais de cada uma.

Freire também fala sobre um ser da práxis, de teoria e prática. Aprender e ensinar como um processo coletivo, interminável e plural, que lida com obstáculos sem podá-los, mas usando-os como potencializadores de sua ação pedagógica, transformadora, pensando não só em desestabilizar ideologias, mas afetar pessoas, a humanidade de cada sujeita. Ainda segundo o autor, vivemos em uma sociedade alienada. Somos seres que vivem em relação, no e com o mundo, com as pessoas²⁶. Pensemos, então, em como se desdobra a evasão/expulsão de uma pessoa trans do ambiente escolar.

Isolar a jovem trans do convívio com outras jovens, isolar as lidas como normais da transgressão ameaçadora. Portanto, um processo de dupla alienação, higienizando a diferença e mantendo as realidades linearmente isoladas, sem atormentar as regras ficcionais de

²⁴ NEGROT, Alma. *ALMA NEGROT DOCUMENTÁRIO DRAG [DRAG-SE]*. 2015 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=__21ez1ubCs>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

²⁵ RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

²⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

funcionamento hétero-cis-sexista das performances de gênero. Vale lembrar que essa exclusão se reflete no acesso escolar de professoras marcadas como abjetas, como é o caso de travestis e transmulheres, sabendo que existem casos “de professores/as em que ao assumirem uma sexualidade não heterossexual são tratados/as com desconfiança e destituídos de seus cargos como docentes”.²⁷

Pela visão de Paulo Freire²⁸ alienar a sujeita é impedir que esta saia de si para apreender e experienciar realidades outras, potências infinitas, os universos de possibilidades da pluralidade de cada subjetividade bricolada. E, conseqüentemente, isso reforça a ideia de uma única voz ditando as normas sobre as aberrações que não pertencem à realidade almejada, binária, segregatória, dentro da matriz heterossexual.

Clara Ercoles²⁹ afirma que, desde o currículo que já elege identidades a serem validadas (as cisgêneras, brancas, heterossexuais, masculinas etc...), até as pedagogias excludentes, a escola mostra-se uma instituição formadora, que tanto forma quanto molda corpos e subjetividades, excluindo aquilo que desvia, que transcende, que questiona.

Mas e a boca trans, o que tem a dizer sobre isso? Luma Andrade³⁰ traz que, mesmo com pesquisas sobre travestilidades, o senso comum é o que mais dita as verdades sobre o tema. Em partes pela inacessibilidade do conhecimento acadêmico, mas também por interesses bastante estratégicos e econômicos da manutenção do acesso aos lugares de fala chancelados hegemonicamente.

Alienando essa pessoa divergente da norma, sejam por convites implícitos ou por violências explícitas, garante-se que a ciência mantenha-se também higienizada. Ceifa-se a possibilidade dessa pessoa trans estudar, reconhecer-se, empoderar-se, subjetivar-se e poder falar por si, por sua identidade e seus territórios, garantindo, assim, que o senso comum prolifere-se com as mesmas vozes masculinas, brancas, hétero-cis-sexistas, cristãs, elitizadas e padronizadas que sempre rotularam-nos como “as outras”.

Um dos complicadores gerados por essa dependência do senso comum, conforme apontado pela autora, é que pouco se entende e diferencia-se o sexo, a sexualidade e o gênero. Tratar o garoto

²⁷ TAKARA, Samilo. *Uma Pedagogia Bicha: Homofobia, Jornalismo e Educação*. 2017. 177 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Educação, Maringá, 2017, p. 103.

²⁸ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

²⁹ ERCOLES, Clara Hanke. Existir, Afirmar e Reafirmar a identidade Trans no meio acadêmico: um desafio triplo! In MAIO, Eliane Rose (Org.). *Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas*. Curitiba, Appris Editora, 2018: p. 183-199.

³⁰ ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

gay da mesma forma que se trata uma travesti pauta-se no determinismo biológico, ignorando todo o teor social e cultural da construção do gênero, que a sujeita travesti há de acoplar em sua performance-vida de acordo com sua transição. A travesti não frequenta os mesmos territórios que o homem gay, mesmo que transitem por espaços próximos³¹.

No caso da travesti ou da transmulher, temos que, a primeira inserção de gênero, feita socialmente ao vislumbre do corpo-pênis, foi a do gênero masculino e, uma vez demonstrando que aquele par de sapatos não lhe servia, a performance busca se readequar. Por isso, corpos estão intrinsicamente ligados às construções de gênero, às significações e símbolos culturais³².

Neste caso, podemos pensar que, mesmo no território das pessoas trans, as rotas traçadas pelas sujeitas são potencialmente diferentes entre si, quiçá os territórios bricolados da homossexualidade masculina, também pluralizado de caminhos, que por vezes aproxima-se e por outras se distancia quase que paradoxalmente da sujeita trans ou travesti.

As escolas, como outras instituições sociais, familiares, religiosas, culturais e econômicas, dita quais moldes os corpos devem seguir, para manter a coerência sexo-gênero-desejo. A pedagogia dos gêneros, como Berenice Bento³³ aponta, diz justamente desse ensino, dentro da matriz heterossexual, garantindo falos-homens-heterossexuais, ou vulvas-mulheres-heterossexuais.

Entretanto, como seres pulsantes que somos, em eterna construção e no estado de devir, é plausível afirmar que tanto a identidade de gênero quanto a sexualidade são dinâmicas, afetadas e afetivas. Ingenuidade seria acreditar que são estabelecidas e imutáveis.

A boca da *pe-Drag*-ogia que buscamos é pintada para explodir com essa ideologia estática e hétero-cis-sexista de binarização de corpos, sexos, gêneros e desejos. É o terrorismo contra o padrão, o atentado ao sólido e a fuga fulminante da captura mercantil.

A naturalização, a repetição incansável das mesmas normas, é o que dá o teor de verdade, de imutabilidade para as construções atualmente atuantes, tanto de gêneros quanto de sexualidades. Repetir um ato performativo sustenta e reforça que ele é o único possível e precisa-se ser assim para esconder a fragilidade dessa estrutura, que pode ruir com o tensionamento ou o

³¹ ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

³² BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

³³ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

questionamento de suas verdades impostas³⁴.

Cabe às *Drag Queens*, terroristas de gênero, figurações do devir, chacoalhar a estabilidade esperada. Mostrar que existem mais de duas possibilidades e como a repetição acrílica de modelos hegemônicos de ser e estar no mundo pode ser mutiladora de subjetividades. Saber que onde existe padrão haverá exclusão, e, portanto, é lá que deveremos resistir.

Sim, desde crianças fomos ensinadas que meninos não choram, meninas não abrem as pernas e que o azul e o rosa são opostos excludentes. Entrementes, também é de conhecimento popular que aprendemos coisas novas durante toda a nossa vida, temos potencial para isso. Portanto, por que não podemos desprender-nos das construções uma vez impostas?

Que nossa *Drag* tenha a potência criativa de teorizar, criar e destruir, questionar e reinventar, partindo deste mesmo lugar de dor e marginalização³⁵. Do lixo ao luxo, ou do luxo ao lixo se necessário for.

Aprender a vida toda vai além da educação tecnicista e produtivista almejada em muitos dos espaços formais. Significa uma educação não-formal, que não hierarquiza conhecimentos como mais ou menos verdadeiros. Uma pedagogia horizontal, em que educadoras e alunas dialoguem e aprendam juntas, como na proposta libertária de Paulo Freire³⁶ de educação crítica, ética, emancipadora para as sujeitas, que também embasa a pedagogia transgressora de bell hooks³⁷ e o entendimento da urgência de populações vulneráveis serem contempladas por tal movimento libertário. “Mesmo sem dizer-se feminista, ela sabia – do mesmo modo que as feministas de todos os tempos sabem – que as mulheres precisam estudar”.³⁸

Pensar em aprender pela vida toda, em desaprender³⁹ uma coisa por dia, torna um pouco complexo acreditar em tal estabilidade de conceitos binários. A pessoa trans aprende a ser, performar e vivenciar as normas sociais do gênero oposto⁴⁰, a ponto de muitas mulheres terem a passabilidade de serem lidas sem o marcador da identidade trans ou travesti. Podemos, portanto, supor que se pode aprender a ser homem, mulher, ambos, ou nenhum, da mesma forma como

³⁴ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

³⁵ RIBEIRO, Djamilia. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

³⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

³⁷ hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla: São Paulo. Ed. Wmf Martins-Fontes, 2013.

³⁸ TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum: para todas, todos e todes*. 7ªed - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 20.

³⁹ Referência ao poeta pós-modernista (sul) mato-grossense Manoel de Barros (1916-2014), que com seus jogos de palavras convida crianças de todas as idades a serem árvores, rios e patas.

⁴⁰ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

aprendemos e desaprendemos outras pulsões, outros desejos e afetos.

Usando a ideia de *travesti de si mesma*⁴¹, que consiste em admirar uma construção de gênero e aplicá-la sobre si mesma, negociando tais intervenções com os possíveis e os /im/possíveis⁴² de seu recorte social, cultural e interseccional, independente da coerência genital/sexual, podemos entender que não há uma forma “correta” de ser homem e ser mulher. A pessoa trans é a que escancara essa ficção, por aplicar, em si mesma, normas desviantes das esperadas ao seu corpo.

Se temos, por exemplo, uma mulher cisgênero que frequenta academia, passa por tratamentos estéticos e dietas alimentares para ter o corpo que almeja, que considera belo, em que instância isso difere da transmulher ou travesti que se hormoniza, modifica-se por meio de cirurgias e tratamentos estéticos? A mulher cis, passando ou não por procedimentos estéticos, não precisa do esforço de se validar, se provar mulher, e aí reside uma diferença crucial entre os marcadores trans e cis: nossas identidades são constantemente colocadas em cheque pela nossa assimilação de tais práticas culturais atreladas ao feminino. O conceito de mulher de verdade entra em jogo uma vez que os resultados almejados e alcançados variam entre as próprias mulheres⁴³.

Paul Preciado⁴⁴ também afirma isso, ao defender a ideia dos tecnogêneros, ou seja, mais do que performativos, são vendíveis, tecnológicos, farmacológicos, subjetivos e fluidos. Mesmo a cisgeneridade é transpassada por instâncias de modelagem, definição e potencialização das ditas características masculinas ou femininas. O que vem primeiro, a testosterona ou a masculinidade? O rosa ou a feminilidade?

Susy Shock⁴⁵, artista e professora trans da Argentina, reivindica seu direito de ser monstra, de não ser normal. A potência de ser monstra é bastante *Queer* no sentido de entender-se em um não lugar, não caber nos próprios documentos, como é o caso de Shock. Deixar as outras serem normais é um exercício de entender e aceitar que a normalidade nada mais é do que outra ficção de si, uma que mais gente comunga como verídica, apenas.

⁴¹ ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

⁴² STUBS, Roberta Parpinelli. *A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade*. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

⁴³ BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.

⁴⁴ PRECIADO, Paul B. *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Buenos Aires: Paidós, 2017

⁴⁵ SHOCK, Susy. *Reinvindico mi derecho a ser un monstruo Y QUE LOS OTROS SEAN LO NORMAL*. Traduzido por Gibran Teixeira. Disponível em: <<https://m.facebook.com/CorposTranslucidos/photos/a.519072048124739.121021.518556231509654/521842997847644/?type=1>>. Acesso em: 22 de mai. 2018.

Para Susy, a monstruosidade de viver sua vida como uma pessoa trans, aquela que transgrediu as normas de gênero uma vez impostas ao seu corpo, está na relação de abjeção, de não pertencimento. O ponto a se questionar é se há alguma necessidade de fazer-se caber em algo que foi imposto, induzido, formalizado.

Os saberes médicos, judiciais, culturais e econômicos sobre os gêneros e as sexualidades foram escritos e disseminados por vozes masculinas, autorizadas, elitistas, brancas, heterossexuais e cisgêneras, em sua maioria cristãs. O que nós temos a dizer sobre nós mesmas? É urgente sabermos de nossas realidades, para que nossas figurações *Drags* sejam seres sociais, potenciais de mudanças⁴⁶.

Se nos chamam de aberrações, de anormais, devolveremos a pergunta: por que não o ser? Por que ser “normal” significa ser melhor? O que há de anormal em ser diferente? Pintemos, então, nossos lábios e grandes lábios para gritar, anormalizar, chacoalhar e desestabilizar, com as cores mais berrantes que pudermos.

Que nossas bocas sejam autenticamente coloridas, para que possamos nós mesmas contar nossas histórias. Os saberes hegemônicos, em sua maioria, são escritos por homens, heterossexuais, brancos, cisgêneros... O que eles dizem sobre nós, já sabemos. Vamos dizer algo por nós mesmas, sobre nós mesmas.

Quando os acadêmicos de classe trabalhadora ou de origem trabalhadora partilham suas perspectivas, subvertem a tendência de focar somente os pensamentos, as atitudes e experiências dos materialmente privilegiados. A pedagogia crítica e a pedagogia feminista são dois paradigmas de ensino alternativos que realmente deram ênfase à questão de encontrar a própria voz. Esse enfoque se revelou fundamental exatamente por ser tão evidente que os privilégios de raça, sexo e classe dão mais poder a alguns alunos que a outros, concedendo mais “autoridade” a algumas vozes que a outras.⁴⁷

Essa boca prismática, caleidoscópica, não pode de forma alguma ater-se somente ao palavreado. As palavras sozinhas não geram mudança⁴⁸, precisamos que nossas bocas devorem o corpo todo, tornem-se bocas-corpos-monstras para que roam estruturas, mordam as amarras sociais e cusпам as ficções impostas. Tornemo-nos bocas ativistas, terroristas, artistas, educadoras, performativas, que mudem as visões de realidade, que sibilem versos do /im/possível

⁴⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

⁴⁷ hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla: São Paulo. Ed. Wmf Martins-Fontes, 2013, p. 246.

⁴⁸ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.

para ouvidos saturados de possíveis estáticos. Um sorriso de corpo todo, um sorriso que subverta o lugar que nos é sugerido.

Pe-*drag*-ogia não é um conceito a ser definido, mas o nome proposto para dizer de algo que já existe e vem existindo desde muito antes de se ousar nomear. A Pe-*drag*-ogia não está aqui para ser um manual para artistas aspirantes à *Drag Queen*, está para apontar alguns dos caminhos já trilhados por tais artistas, para instigar profissionais da área da educação e da pedagogia a não se contentarem com os clássicos, os “normais”, os confortáveis. São confortáveis para quem? A ideia de uma pe-*drag*-ogia é entender que tais formas convencionais não são as únicas de ver o mundo, trata-se de acionar movimentos inventivos, que positivem e não excluam, um movimento de ensino, aprendizagem e partilha de saberes, que seja adaptável, pirateada e pirateadora, invada e ocupe espaços que dizem que não nos cabem. É fazer-se possível⁴⁹, saltar para as categorias do /im/possível. Pe-*drag*-ogia é montar de *Drag* uma pedagogia que pode ser violenta, engessada e ceifadora de corpos que destoam dos padrões.

Entendendo essa metáfora pelo viés da figuração *Drag*, é o movimento de não se contentar com o que está dado. Questionar os currículos se necessário for, buscar acoplamentos prostéticos que recriem as formas, mais do que tornar decorativa ou agradável, fazer-se possível em vias de buscar aquelas que tendem a ser violentadas pela manutenção da norma e dos acessos aos espaços. É *Drag* na medida em que adpta-se e permite o salto lúdico, imaginativo, inventivo. Não pensa em encerrar ou engessar, mas fluir e acoplar.

Pe-*drag*-ogia não está apenas para sujeitas que se montam. Está para convidar sujeitas, quais sejam elas, de maneira lúdica, imaginativa, colorida, cômica ou grotesca, a criarem redes de afetos, a potencializarem as diferenças ao invés de apagar e/ou violentar aquilo que escapa. Justamente aprender e se afetar por tais movimentos, as esquivas, as estratégias e os pirateamentos sugeridos pela arte *Drag Queen*, em vias de fazer parte de um amplo movimento de trocas e construção coletiva que, estando fiel aos princípios ético-estético-políticos, propõe-se a abraçar as diferenças, com elas aprender e nelas inspirar-se.

⁴⁹ TAKARA, Samilo. *Uma Pedagogia Bicha: Homofobia, Jornalismo e Educação*. 2017. 177 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Educação, Maringá, 2017.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa*. 278 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.
- BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro – RJ, Garamond, 2006.
- BORGES, Rafaela Oliveira e BORGES, Zulmira Newlands. Pânico Moral e Ideologia de Gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018, p. 01-23.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ERCOLES, Clara Hanke. Existir, Afirmar e Reafirmar a identidade Trans no meio acadêmico: um desafio triplo! In MAIO, Eliane Rose (Org.). *Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas*. Curitiba, Appris Editora, 2018: p. 183-199.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1979.
- HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla: São Paulo. Ed. Wmf Martins-Fontes, 2013.
- MAIO, Eliane Rose; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da. O “entre-lugar” das trans nas escolas. *PeríodiCUs*, n. 8, v. 1 nov. 2017-abr., 2018: p. 307-324.
- NEGROT, Alma. *ALMA NEGROT DOCUMENTÁRIO DRAG [DRAG-SE]*. 2015 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=__21ez1ubCs>. Acesso em: 20 de nov. 2018.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O Diabo em forma de Gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Buenos Aires: Paidós, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RODOVALHO, Amara Moira. *O cis pelo trans*. Estudos Feministas, Florianópolis – SC, 25(1): 422, janeiro-abril, 2017, p. 365-373.

SANTOS, Cecília MacDowell dos. Para uma abordagem interseccional da lei Maria da Penha, p. 39-61, in MACHADO, Isadora Vier. Org. *Uma Década de Lei Maria da Pena: percursos, práticas e desafios*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2017, p. 39-61.

SHOCK, Susy. *Reinvindico mi derecho a ser um monstro Y QUE LOS OTROS SEAN LO NORMAL*. Traduzido por Gibran Teixeira. Disponível em: <<https://m.facebook.com/CorposTranslucidos/photos/a.519072048124739.121021.518556231509654/521842997847644/?type=1>>. Acesso em: 22 de mai. 2018.

SODOMA, Uýra in PRESSE, France. *Conheça Uýra Sodoma, a drag queen amazônica comprometida com a floresta*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2018/07/26/conheca-uyra-sodoma-a-drag-queen-amazonica-comprometida-com-a-floresta.ghtml?fbclid=IwAR2fx1u-dRLV3sk4s4ycQjGTI3ndgzfSyftx686eqDfFgGaFt61VLsuN1wl>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

STUBS, Roberta, TEIXEIRA, Fernando Silva, PERES, William Siqueira. A Potência do Cyborg no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: Conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26. Nº 3, p. 785-802, Set./Dez. 2014.

STUBS, Roberta Parpinelli. *A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade*. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

TAKARA, Samilo. *Uma Pedagogia Bicha: Homofobia, Jornalismo e Educação*. 2017. 177 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Educação, Maringá, 2017.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum: para todas, todos e todes*. 7ªed - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Lua Lamberti de Abreu: Artista e pesquisadora. Atualmente é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), sob orientação da Professora Doutora Eliane Rose Maio e coorientação pela Professora Doutora Roberta Stubs. Possui graduação em Artes Cênicas pela mesma IES (2016). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: palhaçaria, pedagogias teatrais, estudos de gênero, transfeminismo, direitos humanos.

Eliane Rose Maio: Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (1984), Mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis (2002), Doutorado em

Educação Escolar - UNESP/Araraquara (2008), Pós-doutorado em Educação Escolar na UNESP/Araraquara, com a temática da Trajetória da Educação Sexual no Brasil. É professora da Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE), Mestrado e Doutorado. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: psicopedagogia, aprendizagem, sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação em sexualidade. Realizou um estágio na Universidade de Alcalá, em Guadalajara - Espanha, como bolsista da Fundación Carolina, com um projeto sobre Formação Docente e Gênero. Professora do Mestrado e Doutorado em Educação - PPE, UEM. Atua como Comitê Ad hoc da ANPEd, do GT-23 - Gênero, Sexualidade e Educação. É líder do grupo de pesquisa CNPq, intitulado Núcleo de Pesquisa e Estudo em Diversidade Sexual - NUDISEX. Autora dos livros: 1) O NOME DA COISA, fruto da tese de Doutorado, 2) VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA: contributos para a formação docente. 3) GÊNERO, DIREITOS E DIVERSIDADE SEXUAL: trajetórias escolares (Org.); 4) OBSERVATÓRIO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: entre políticas públicas e práticas pedagógicas (Org.), 5) Educação, saúde, gênero e sexualidade: diálogos possíveis (Org.), 6) Educação, gênero e feminismos: resistências bordadas com fios de luta (Org.). 7. Gênero e Sexualidade; interfaces educativas (Org.) e 8) Gênero, sexualidades e diferenças: categorias de análises, (des)territórios de disputas.

Roberta Stubs Parpinelli: Artista, pesquisadora e psicóloga com doutorado em psicologia com ênfase em arte, gênero e produção de subjetividade pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2005), especialização em Saúde Mental e mestrado em História da Educação pela mesma instituição. Com trabalhos em fotografia, vídeos, instalações e objetos em resina, a artista tem explorado temas como o corpo, o tempo, a memória, o vazio e o transbordamento subjetivo. Possui experiência na área de psicologia, arte contemporânea e gênero, com ênfase em processos de subjetivação na contemporaneidade e políticas inventivas da vida.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2019.